



## MOVIMENTO DOS QUINTAIS BRINCANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO QUINTAL AROEIRA EM IMBÉ-RS

### QUINTAIS BRINCANTES MOVEMENT: REPORT OF EXPERIENCE IN QUINTAL AROEIRA IN IMBÉ-RS

Ana Caroline Ferreira Rodrigues Acosta<sup>1</sup>  
Álvaro Nicotti<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho se propõe apresentar o Movimento dos Quintais Brincantes no Brasil, discorrendo sobre metodologias, objetivos e métodos utilizados na formação de suas práticas de ensino-aprendizagem. Para tanto utilizaremos a experiência realizada no ano de 2023 em um quintal brincante no município de Imbé-RS. Partindo de elaboração, execução e desenvolvimento pedagógico realizados com crianças de 2 a 6 anos. A proposta do texto é questionar os modelos das escolas infantis tradicionais a fim de pesarmos outros modelos de educação refletindo em métodos de inovação pedagógica base teórica de pensadores brasileiros e inspirações dos povos das florestas e dos povos de matrizes africanas. O Quintal Aroeira acolheu cinco famílias ao longo do ano e foram desenvolvidas práticas do livre brincar, com atividades ao ar livre, alimentação orgânica com produtos colhidos na horta comunitária, participação das famílias nos reparos do espaço e na elaboração das atividades propostas. Concluímos ao final de um ano, que este espaço contribuiu para autonomia, criatividade, saúde e cooperação entre as crianças e criação de vínculos entre as famílias, a educadora e a comunidade do entorno do Quintal Aroeira.

**Palavras-chave:** natureza; educação ambiental; infância.

#### ABSTRACT

This work aims to present the Movimento dos Quintais Brincantes in Brazil, discussing methodologies, objectives and methods used in the formation of its teaching-learning practices. To do so, we will use the experience carried out in 2023 in a backyard in the municipality of Imbé-RS. Starting from elaboration, execution and pedagogical development carried out with children aged 2 to 6 years. The proposal of the text is to

<sup>1</sup>Historiadora e Mestranda em Dinâmicas regionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: carolnicotti22@gmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: alvaronicotti@gmail.com

question the models of traditional children's schools in order to weigh other models of education, reflecting on methods of pedagogical innovation theoretical basis of Brazilian thinkers and inspirations from the people of the forests and people of African origin. Quintal Aroeira welcomed five families throughout the year and free play practices were developed, with outdoor activities, organic food with products harvested from the community garden, family participation in repairs to the space and in the development of proposed activities. We concluded at the end of the year that this space contributed to autonomy, creativity, health and cooperation between children and the creation of bonds between families, the educator and the community surrounding Quintal Aroeira.

**Keywords:** nature; environmental education; childhood.

**Resumo Expandido recebido em:** 02/02/2024

**Resumo Expandido aprovado em:** 26/11/2024

**Resumo Expandido publicado em:** 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5285>

## 1 INTRODUÇÃO

A concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos, assimila valores, constrói conhecimentos e se apropria desse conhecimento sistematizado, por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social, não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo (BNCC). Ao contrário, as crianças ao se relacionarem com o meio natural, através de práticas e interações com a natureza, desenvolvem-se plenamente.

Tiriba (2018) afirma que a educação é um processo de corpo inteiro, porque o conhecimento é fruto da ação do sujeito no mundo, mobilizada pelo desejo, possibilitada pelo corpo, guiada por processos sensoriais. Portanto, é fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados, tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos, pitorescos, as montanhas, o mar.

Sendo assim, este texto tem como objetivo apresentar o Movimento dos Quintais Brincantes, suas metodologias e práticas teóricas-brincantes<sup>3</sup>. Um movimento que busca caminhos de inovação pedagógica para crianças da primeira infância.

Para apresentarmos o Movimento dos Quintais Brincantes, utilizaremos uma publicação de 2022, realizada por educadoras quintaleiras da região sudeste e sul do Brasil. Dessa forma, as informações sobre o conceito, as referências e práticas teórico metodológicas se referem a publicação Quintais Brincantes - Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras.

Mais do que buscar respostas, a intenção do Movimento dos Quintais Brincantes é de confluir com outras práticas, especialmente com a educação pública. Nessa confluência, como nos ensina Antônio Bispo, podemos pensar em estratégias possíveis e com significado para cada comunidade. Ressaltamos que nossas inspirações e práticas se pautam na natureza, na brincadeira e na diversidade de saberes da comunidade local. Portanto, são soluções acessíveis e democráticas a realidades que, por vezes, são carentes de recursos financeiros (Movimento dos Quintais Brincantes, 2022).

Com isso, através desta publicação, um grupo de onze pesquisadoras e um pesquisador aplicou um questionário com 69 perguntas, qualitativas e quantitativas, em setembro de 2020, durante a pandemia de COVID -19. A pesquisa foi respondida por 52 quintais brincantes, para melhor compreender e definir este movimento. De acordo com a publicação, o movimento se propõe:

Ampliar o alcance, ser de fato movimento, que mais pessoas se reconheçam e descubram a potência de estar junto, pesquisar e compartilhar múltiplos brincar e saberes brasileiros. No pensar em política, na ocupação de praças e parques em áreas urbanas. Para o desempoderamento dos espaços, pessoas e antigos padrões. Para quintalizar escolas e outros espaços educativos, são necessários transformações sistêmicas que atravessam pessoas, projetos políticos-pedagógico, currículos, tempos e relações (Movimento dos Quintais Brincantes, 2022, p 22).

Conforme a publicação, os Quintais Brincantes são uma mudança, uma possibilidade pedagógica. Por isso, dizem que não querem que o movimento seja visto

---

<sup>3</sup> Termo utilizado pela educadora e ambientalista Lea Tiriba.

como mais uma caixa, um modelo sobre o que são ou não, mas algo em transformação e processo contínuo. Neste sentido, Arroyo (2013) contribui questionando como avançar nessa delicada empreitada mapeando, identificando e ressignificando tentativas já existentes em tantos educandários e em tantos coletivos da infância.

O Quintal Aroeira surge a partir do contato com essa publicação do livro sobre os Quintais Brincantes, entendendo que é possível repensar a trajetória de escolarização no Brasil para as crianças, observando os espaços e as ações socioambientais desenvolvidas por elas e para elas.

A procura das famílias se deu pelo fato de terem visitado outros espaços educativos, público e privado, no município de Imbé e nos municípios vizinhos do litoral norte gaúcho e observado estruturas acimentadas, com pouca ou nenhuma área verde, com atividades voltadas para dentro da sala de aula comparadas a atividades em espaços abertos com contato ao meio natural. Indo na direção oposta, o projeto do Quintal aroeira ofertava justamente o contrário, um espaço que, além de acolher as crianças, proporcionava a autonomia, o livre brincar, a criatividade, o movimento do corpo, as múltiplas linguagens (música, dança, teatro, literatura).

Por fim, configurando as práticas quintaleiras com nossas vidas dentro de uma macroestrutura regida por um sistema de modo de produção capitalista, Tiriba (2015) afirma que, mais do que nunca, os projetos educacionais orientados pela lógica do capital têm a intenção de formar mentes e corpos dóceis á reprodução de uma ideologia centrada na acumulação de bens materiais e imateriais, não na valorização da vida, em suas múltiplas expressões e magnitudes. Nesta perspectiva, o Quintal Aroeira inicia com olhar atento aos desejos, às trilhas e expectativas das crianças. Uma experiência realizada por uma educadora e cinco famílias no intuito de desemparedar a infância e experienciar outros modelos de escola com cooperação, democracia e interação com a natureza.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Para colocar em práticas as ideias quintaleiras e abrir o Quintal Aroeira no município de Imbé, foi realizado uma reunião aberta para famílias interessadas. Nesse

momento, foram apresentadas as propostas metodológicas, rotina, horários, alimentação, brinquedos e engajamento da comunidade para criação do espaço.

Uma das famílias ofertou uma casa, que não estava sendo ocupada, para iniciar o projeto. Foi realizado um mutirão das famílias para pintura, plantio de mudas, viveiro para os coelhos, manutenção de acessibilidade para a faixa etária das crianças. A casa contava com sala ampla para livre circulação e prateleiras baixas com jogos, brinquedos, blocos de encaixe, giz de cera, folhas recicladas, cestos com panos com diferentes tecidos e cores, cestos de gravetos, de pinha, folhas secas e lãs. Em outra sala, estavam as tendas, cabanas, arara com algumas fantasias e um colchão com almofadas para descanso. Na cozinha, era disponibilizado um filtro com água mineral com canecas e uma cesta com as frutas da estação, tudo isso ao alcance das crianças. No pátio, havia a caixa de areia com reaproveitamentos dos utensílios domésticos como colheres de pau, panelas, peneira, funil, jarros, bacias, regadores. Pirâmides de bambu, redes, escorregador. As tintas eram produzidas com ingredientes do dia a dia como: açafraão, borra do café, flor de hibisco, chá de marcela. A massa de modelar caseira era feita com as crianças e o feitiço de pão também. Eram ofertados literatura de cordel, contos sobre fauna e flora da região litorânea e materiais sobre os botos da barra (atividade de pesca colaborativa que acontece entre pescadores e botos no município).

O Quintal Aroeira participou de feiras de artesanato pelo município com materiais feitos pelas crianças ou doações de artesanato feitos pelas avós das crianças. Esta ação, proporcionou a relação com outros espaços, oportunizando a divulgação do projeto. Além disso, através da economia solidária realizada nessas feiras, arrecadava-se recursos para repor os materiais.

Como metodologia foram utilizados a literatura indígena do Ailton Krenak e quilombola do Nego Bispo. Sobre infância, os autores Lea Tiriba, Miguel Arroyo, Gandhi Piorski. Importante ressaltar que visitas e encontros a outros quintais brincantes foram significativos na construção e fortalecimento do projeto. Destacam-se os quintais brincantes, Oka Manaká e Pulo do Gato, localizados em Porto Alegre, como parcerias para trocas mútuas de práticas, saberes e estudos em grupo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que num espaço pensado de forma colaborativa entre educadora e famílias para as crianças, o ambiente tornou-se promissor para o acolhimento, o pertencimento e a identidade das crianças. Para as famílias pioneiras, as que iniciaram desde o primeiro dia no projeto, não houve a necessidade de adaptação no espaço, por serem bem pequenas, em torno de dois e três anos, reagiram com naturalidade, despedindo-se de suas famílias com tranquilidade.

Realizavam suas refeições em grupo e os que necessitavam, descansavam para fazer o sono. Escolhiam com o que, com quem e de que forma brincar. Enquanto alguns estavam na caixa de areia, alguns pintavam e outros faziam cabana com panos.

Na rua do quintal, moradores aposentados cultivaram uma horta comunitária com espaço destinado para o plantio com as crianças. Além de proporcionar alimento, a horta proporcionou observação do crescimento dos legumes, verduras e frutas pelas crianças e proximidade dos idosos com as crianças e as famílias do Quintal Aroeira.

Importante ressaltar que os ambientes da casa foram mudando ao longo da experiência, sendo inseridos ou retirados móveis e objetos de acordo com o movimento e as interações das crianças. As famílias, que não tinham relação anterior com o projeto e algumas vindas de outros lugares do estado realizaram encontros e criaram uma rede de apoio entre elas. O contato com as avós e avôs das crianças foi bem significativo, pois alguns moravam em outras localidades e puderam estar junto aos netos nas tardes do Quintal.

Em relação ao desenvolvimento amplo, foram incentivados a correr, pular, saltar, brincar com lama, tomar banho de bacia e banho de chuva em épocas de clima ameno. Ampliaram o paladar com alimentos típicos da região.

Os desafios encontrados em relação ao retorno das famílias participantes foram: a jornada de trabalho dos pais; necessidade de espaços com oferta mais ampla de horários e refeições; a preocupação de falta de segurança sem câmeras; segurança na porta e muros baixos; estrutura do ambiente sem ar-condicionado; a falta de tempo para interagir nas atividades coletivas.

Por parte da família da educadora foi o fato de que o Quintal Aroeira não se tornou uma atividade rentável, ao ponto de custear as necessidades da mesma. Notou-se a importância de ter uma determinada quantia financeira para poder ter uma saúde financeira mais tranquila e possibilitadora de se projetar novas metodologias e possibilidades.

Figura 1 – Quintal Aroeira



Fonte: Os autores (2023).

Figura 2 – Encontro dos Quintais Brincantes RS



Fonte: Os autores (2023).

#### 4 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Experiências micro, locais, regionais são laboratórios de aprendizagem e trocas de saberes e fazeres que intercalam curiosidade, criatividade, cooperação e reflexões sobre os espaços destinados às crianças. Quando pesquisamos ou referenciamos propostas socioambientais e educativas projetamos as crianças no verbo futuro.

Quando elas crescerem e se tornarem adultas, podem resolver problemas do planeta? O que não se leva em consideração, por vezes, é que em ambientes que contemplem as suas subjetividades, em que sigam as trilhas, os desejos, as experimentações, a autonomia elas retomam seus direitos, se expressam, escolhem, ensinam uns aos outros e aprendem de forma orgânica e salutar.

É preciso retirar a lente do desenvolvimento como objetivo exclusivo da ascensão econômica e progresso industrial, tecnológico e capitalista. Que se volte o olhar para o desenvolvimento como envolvimento, das comunidades em prol de espaços onde as crianças possam ter autonomia, liberdade, experiências, escolhas e que interajam com a natureza.

#### REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis. RJ. Vozes, 2012.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

KRENAK. AÍLTON. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOVIMENTO DOS QUINTAIS BRINCANTES. **Quintais brincantes**: sobrevoos por vivências educativas brasileiras. Alana Criança Primeiro, 2022.

PIORSKI. GANDHY. **Brinquedos de chão, a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/Unb, 2015.

TIRIBA. Lea. **Educação infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.